

ELUCIDANDO OS MISTÉRIOS QUE ENVOLVEM SANTA SARA

Mistério = falta de conhecimento sobre o que não se conhece.

Conhecimento = o desconhecido deixa de existir.

Sérvio Guidotti

Preâmbulo:

Tudo começou com simples perguntas, e depois de um ritual espiritualista envolvendo a figura de Santa Sara no interior do Templo de Umbanda Oxaláça: -

Como obtermos mais informações sobre a Santa Sara?

Tudo o que foi visto e pesquisado, inclusive Internet, trazem desencontros de informações, nada é preciso, e tudo são lendas.

O que é real sobre ela?

E as perguntas foram feitas pelos Diretores Sr. Reinaldo e Sra. Claudete, estando presente o Vice Presidente do Templo, o Sr. Marcelo.

Merecem respostas; só que, não com origem em mais pesquisas, e sim, de respostas com origem em atividades espirituais e da mediunidade.

Com esse compromisso, apelei aos protetores espirituais, para que “abrissem” esse campo de conhecimento.

O que relato a seguir, são os resultados desse pedido feito aos amigos espirituais, e ainda aos amigos e amigas da “carne”, os quais agradeço.

A Primeira Viagem.

A noite religiosa no interior do Templo de Umbanda Oxaláça fora mais proveitosa. pois eu tinha presenciado uma apresentação ritualística, e feita por ciganos, envolvendo uma santa católica - a protetora dos povos ciganos identificada como Santa Sara.

Na apresentação da imagem, acompanhada de procissão, velas, cantos e danças aos fiéis de sua devoção e curiosos, sobressaiu-se a força de um mistério pagão, o qual se fundiu a sentimentos de fé cristã, só que, realizado em um templo espiritualista de Umbanda, mostrando mais uma vez, além das paridades já aceitas do sincretismo religioso afro/católico cultuado nas diversas “Umbandas”, que a distância do real entendimento de todos os dogmas e processos de rituais em sua causa original, ou ainda do que é real, é bem maior do que se pode imaginar.

Para os ciganos, a santa da devoção – Santa Sara, a que os protegem de seu principal inimigo – o preconceito por um modo de vida diferente, onde a liberdade é a tônica.

Para os católicos, a santa também da devoção – Santa Sara, a amiga que aconselha os mais santos e santas, provando por maior fé, que qualquer seja o perigo, basta acreditar que o milagre acontece.

Para os Umbandistas – Santa Sara, a santa chefe de uma falange de espíritos que se identificam como Ciganos e Ciganas, uma linha mista, que socorre, protege, livra dos perigos, lê a sorte, faz vaticínios e liberta o espírito.

Após os rituais, a imagem da santa é depositada em seu lugar de honra.

Ao lado velas são acesas.

As imagens de um cigano e de uma cigana a ladeiam.

Pronto, agora é só olhar para a imagem, ... mentalizar para ela as suas aflições, ... e ela vem ao seu socorro.

É assim nas religiões que utilizam ícones para melhor alcance dos pensamentos dirigidos.

A imagem se torna uma porta de ligação do material com o espiritual.

Como todas as demais imagens, ali está mais uma porta, e a ser aberta pelas súplicas de quem precisa da ajuda da santa.

É assim que funciona.

É dessa forma natural que o fiel envia os seus pedidos à Deus, mesmo que não se saiba nada ou quase nada à respeito do objeto da adoração, como fazer os pedidos, ou às vezes, que o objeto da adoração, talvez, nunca tenha existido.

Cultuam-se os efeitos, e nem isso desmerece ou diminui a importância do ícone aos olhos do fiel, e nem a deixa menos dotada de “poder divino”.

A pergunta que dá o destino da viagem é: - “Onde tudo começou”?

Os amigos espirituais me dizem que não vamos iniciar nossa jornada ao ventre materno da mãe de Santa Sara, pois não é lá que vamos encontrar as respostas, pois a intenção não é ser Édipo ou Electra.

Todo nascimento tem sua origem, e no caso de Santa Sara, o nascimento dela como santa cultuada tem origem onde começa a sua história de santa e, é para lá que vamos.

Se a nossa partida começar por escavar todas as lendas, e do dia de hoje até à 2.000 anos atrás, vamos nos deparar com fantasias tantas, que mesmo que em uma estória venhamos a ter contato com a verdade sobre a vida de Sara, nesse emaranhado de tantas lendas, a verdade passaria a fazer parte também das estórias, não sendo possível a separação do real da fantasia.

Assim, vamos viajar, por meus olhos, por meus pensamentos, por meu espírito, por minhas linhas, ... e mesmo que alguns pensem ser oniricamente, e outros por projeção astral, e para datas e locais que nos tragam todas as respostas, se isso for possível.

Os amigos espirituais me dizem, mais uma vez, que tudo tem um princípio, e que o princípio da lenda de Santa Sara teve início na cidade de Saintes Maries de la Mer, Camargue, sul da França.

Me dizem ainda, que vamos para lá, e em datas de 24 e 25 de Maio, de qualquer ano, pois nesses dias se cultua Santa Sara.

Após feitos os preparativos para a “viagem”, os “cicerones” espirituais me lembram que o motivo principal é o cumprimento de maiores informações, e que eu não deveria me perder em divagações ou com outros assuntos.

Eu me deito, fecho os olhos, recebo instruções de os manter fechados até segunda ordem e cumpro o ritual para a projeção, ... (o que cumpro) e, quando recebo a ordem para abrir os olhos, já sinto gosto de ar salgado em minhas narinas bem como uma leve e suave brisa, quente e refrescante ao mesmo tempo, ... lentamente abro os olhos e percebo estar em uma praça, ... e diante de uma igreja católica, identificada como sendo a de Nossa Senhora do Mar; e a cidade é de Saintes Maries de la Mer, na França.

O dia era claro, talvez por volta de 10 horas da manhã.

Por toda a praça, uma multidão de ciganos, ciganas, locais e estrangeiros.

Procuro captar todas as imagens, para poder, na volta, me lembrar da maioria possível, e as transcrever com a maior fidelidade possível.

Fica absorto naquele burburinho de pessoas indo e vindo, alegres, e outras apressadas.

Vejo nesse mar de gente, que se destaca a figura de uma cigana, a qual considero típica pela roupa característica que traja.

Observo ela ser de pele trigueira, tendo cabelos longos e negros, e realçando com o seu rosto de uma beleza perfeita, os seus olhos grandes e amendoados.

Estava descalça.

Calculei sua idade em torno de 30 anos.

Ela caminhava em minha direção, só que o seu jeito de andar, era o de um discreto ondular de corpo, o que a fazia parecer uma rainha em meio aos seus súditos.

Diante do peito, como se fosse um leque aberto, ela exibia um maço de cartas de tarô.

Estranho ... ela caminhava realmente em minha direção e estava olhando para mim.

Seria ela também uma viajante astral?

Ou seria um espírito?

Perguntas ali me assaltavam pois eu não podia ser visto pelo mortal comum, já que a minha forma física se encontrava no Brasil, e eu estava na França.

Como isso era possível?

Estava eu diante de uma pessoa médium dotada de visão espiritual?

Eu não estaria viajando astralmente, e sim sonhando?

Apesar da última questão ter-me parecido mais viável, prevaleceu a penúltima, pois ela parou diante de mim e ficou me olhando, talvez tentando descobrir sobre minha origem, motivos e propósitos, de eu, uma projeção astral, ali estar.

Enquanto me olhava, senti intimamente que eu já a conhecia, ... senti ser coisa antiga, não sei de onde, nem quando, que época ou lugar, nem que tipo de ligação ... tudo era vago e talvez não houvesse propósito na satisfação dessas perguntas.

Menos estupefata que eu, ela me falou em sua língua, só que não tive dificuldade em entendê-la, pois além das palavras

faladas, eu percebia seus pensamentos, o que não precisava de tradução ou conhecer sua língua para a entender.

A cigana me disse: - Não se assuste, somente sensitivos o vêem, ... também, ao me verem falando “sozinha”, isso é normal para muitos que me conhecem ... sabem que não sou louca e que eu falo com espíritos.

Respondi: - Não sou um espírito de “morto”, sou um viajante astral brasileiro, ... faço parte de uma comunidade religiosa que denominamos de Umbanda, ... e vim, não só conhecer o lugar onde nasceu o mito de Santa Sara, como também, ter informações mais precisas sobre ela; ... mas, quem é você?

A cigana respondeu em seu francês que me veio integralmente: - “Je m'appelle Isabele” – (meu nome é Isabele).

Pensei comigo: - um nome tão lindo quanto a dona e esbocei um sorriso.

De imediato Isabele sorriu, como se tivesse lido meu pensamento e sentou-se no chão da praça, e me disse que eu fizesse o mesmo, o que eu fiz.

Ela abriu um lenço vermelho quadrado e o depositou no chão e colocando as cartas de tarô em cima, olhou novamente para mim, e me perguntou: - Quer que eu leia as cartas para você?

Questionei: - Isabele, não é necessário que eu lhe pague para você jogar? Não é parte do ritual cobrar? Se assim é, como vou lhe pagar, pois sou uma projeção astral e não carrego dinheiro?

Ela sorriu e disse que haveria muitas formas de pagamento no futuro, ... que eu estaria apenas lhe devendo ninharia, ao passo que talvez ela estivesse me pagando não sabe o que, ... enfim, que muito na vida são mistérios, e que em uma situação estranha não pode haver comportamentos como em uma situação normal.

Pela resposta nebulosa, não me fiz de rogado e lhe disse que gostaria sim, que jogasse as cartas para mim.

Em gestos que considerei elegantes, recolheu as cartas deitadas no chão, embaralhou e foi jogando.

Após fazer as jogadas, voltou-se para mim e com ar examinador, fixou seus dois lindos olhos dentro dos meus e perguntou: - As cartas nada me revelam, e isso me mostra que você não está nem um pouco interessado que eu leia as cartas para saber sua “buena dicha”.

O que você realmente quer saber?

A informação e a pergunta não foram surpresas, pois quando jovem, eu já tinha sido vaticinado por um espírito plasmado de cigana que, “desde o meu nascimento, as Trevas cobrem os

meus Mistérios e Destino, e que somente ela seria o meu Oráculo”.

Estava eu, ali, diante de uma real cigana dotada de paranormalidade, pois me via, conversava comigo, e enfrentava os mesmos obstáculos de quem se propunha a romper meus escudos de proteção, ou no caso “minhas Trevas”.

O que me deixou surpreso, foi a pergunta dela: - O que você realmente quer saber?

Ora! ... não fui eu que me aproximei dela, ... foi ela quem se aproximou de mim, ... e ainda se ofereceu para jogar as cartas.

Eu mesmo não sabia o porque desse contato com ela, e nem isso esperava.

Tinha eu ali, em minha frente, uma cigana “viva na carne” em contato com uma “projeção astral” de um brasileiro que estava com o seu corpo a milhares de quilômetros dali.

Meu propósito não era consultar uma cartomante, ... eu estava buscando informações sobre Santa Sara, ... eu me sentia, sei lá, meio que confuso, ... não entendia.

Ela então, insistiu: - Pergunte o que quiser, talvez eu possa lhe responder sem olhar as cartas.

Acho que até, meio irritado, procurei pensar em perguntar algo que lhe servisse de embaraço, talvez como uma forma de

vingança infantil, pois me sentia deslocado em relação ao propósito da viagem.

Então, “tasquei-lhe” as perguntas: -

Porque vocês, ciganos, viajam o tempo todo?

Porque vocês não se fixam em lugar nenhum?

Onde vocês querem chegar?

Ao ouvir minhas perguntas, Isabele não se conteve e soltou uma sonora e longa gargalhada, e depois a comentou bem alto de modo que todos que ali estavam ao nosso redor pudessem ouvir: -

Ele quer conhecer nosso segredo!

Quer saber onde realmente queremos chegar!

Só então percebi que nós estávamos rodeados de ciganos e ciganos, que estavam interessados em meu diálogo com a Isabele.

Percebi que olhavam para mim com curiosidade, mas, com muito respeito ao olharem para Isabele.

Como a maioria me fitava, e outros, de olhos fechados procuravam ouvir, percebi serem todos sensitivos, e que ali, para a maioria deles, eu não era somente uma “projeção astral” e sim um “viajante vivo” como outro qualquer, só que usando outros meios de transporte e outra forma de “corpo”.

Todos ali, em resposta ao dito por Isabele, riram alto, e nesse momento eu tive vontade de desaparecer retornando de imediato para o meu corpo.

Pensei comigo: - Paguei o maior sapo pra essa gente!

Com ar condoído, Isabele olhou para mim e disse: -

Não entendi essa história de pagar sapo, ... acho que não é comigo, pois não sou sapo e você não tem como me pagar em prata; ... mas, não vou lhe deixar de mãos vazias sem respostas.

Você tem o direito de uma resposta, ... entenda, os ciganos viajam o tempo todo porque querem chegar ao fim do mundo, e isso retrata o nosso modo de vida, pois entendemos que não existe Amor e Riqueza Espiritual sem Liberdade, e como você sabe, a Liberdade é o nosso sinônimo de vida.

Também, não entendemos a vida limitada por fronteiras, pois nos consideramos cidadãos do mundo.

É por isso que dizem que não temos Pátria.

Temos sim, só que não limitada por espaço geográfico e por política.

Nossa Pátria é o mundo todo!

E eu retruquei: -

Tá, ... tudo bem, ... e nessa viagem que vocês fazem no intuito de chegarem no fim do mundo, quando lá chegarem, o que irão fazer?

Me senti novamente o centro das atenções, mais precisamente um palhaço de circo no picadeiro central, pois todos ao nosso redor, novamente, gargalhavam até não poder mais; alguns, ainda, meneavam negativamente a cabeça tendo nos lábios, um fino sorriso de troça, como a me condenarem por tão estúpida pergunta.

Isabele, com o ar mais sereno do mundo, e também com um misto de sorriso zombeteiro, me respondeu a coisa mais óbvia do mundo: -

Quando chegarmos ao fim do mundo, vamos fazer o caminho de volta!

Apesar de seu tom ser conclusivo, eu não me dei por vencido, e insisti: -

Mas por quê, o que leva vocês a fazerem isso?

E ela, serenamente, com ar de conformismo necessário, me respondeu: -

A Necessidade, o qual nós chamamos de “Ananke” - a única Deusa para quem o cigano realmente baixa a cabeça e se prosta.

Você já ouviu falar de Ananke?

- Sim, eu já ouvira falar de Ananke – a Deusa maior de todos os Deuses do Olimpo.

Era com esse nome que os antigos gregos chamavam a divindade que consideravam mais poderosa, cujos desígnios nem o próprio Zeus ousava contrariar.

Ananke – a Necessidade, irmã de Moira – o Destino.

Aí, me começaram a chegar interrogações.

Como era possível que essa potestade grega, de existência pouco conhecida até mesmo para quem se diz especialista em mitologia, fosse tão familiar para uma cigana cartomante?

Será esse mais um dos mistérios que o povo cigano carrega?

Mistérios esses, que nós – pobres gadjos (os não ciganos) só temos acesso quando os ciganos resolvem “abrir suas portas de mistérios”?

Isabele estava me abrindo uma dessas portas?

Seria por esse motivo que os espíritos me levaram até Isabele?

O propósito dos espíritos, ao me conduzirem para Isabele, e vice e versa, era porque ela tinha as respostas que eu vinha buscar?

Em meio a tantas perguntas feitas mentalmente, vejo Isabele ser envolta por uma luminosidade, e antes que tudo ao redor fosse se apagando, ela se levanta, o que eu também faço, se

aproxima de mim, e num gesto que pode ser definido como alguém beijando fumaça, seus lábios vão de encontro a minha face, e eu, sentindo o cheiro de seu perfume floral, ainda ouço o estalar de seu beijo de despedida, e carregado de forte emoção, nessa hora, muito a contragosto, sinto que é hora de eu retornar para o meu corpo, lá no Brasil.

Ainda penso durante o apagar das imagens: “Agora que a coisa estava ficando interessante”!

Fecho os olhos, e em meio a pensamentos de perguntas e recados de Isabele: Volte outra vez, ... você não disse seu nome, ... nem disse seu endereço para eu lhe contatar, ... quem é você? ... vai voltar? ...

A voz, a presença, o perfume, o estalar do beijo foram sumindo, e ... estou de volta.

Lentamente, reordenando as idéias, me levanto e vou fazer uma leve refeição, pois todas as coisas tem custos e desgastes; sendo que somente após, transcrevo para o micro as experiências vividas.

Uma pergunta antiga sobressai sobre as demais: “Qual a forma que eu me apresentei para Isabele?”

E, essa pergunta sobre minha forma sempre me persegue, pois nas viagens nunca vi espelhos que pudessem refletir minha forma astral, e isso torna alvo de curiosidade pessoal.

Também, é fácil de perceber que, do propósito inicial – que é a figura de Santa Sara, parece-me que pouco ou nada ainda foi me foi revelado.

Só me resta aguardar a seqüência dessa viagem.

A Segunda Viagem.

Passados algumas dias, ou melhor “noites”, onde outras atividades se sobrepõem, intercalam, ou ocupam a mente de tal forma, venho até a esquecer da continuidade da viagem em busca de mais dados sobre Santa Sara.

Também, nos aspectos que regulam as viagens astrais sempre há a necessidade da presença de um espírito guardião ao seu lado, mesmo eu não o vendo, mas, sentindo-o ao seu lado.

É por esse e outros aspectos, que não se pode programar a viagem ao bel-prazer do “viajante”, sem que sejam cumpridas determinadas condições.

Por isso, é que sempre deixei ao critério dos amigos espirituais as programações e planos que tenham para mim.

É exatamente em virtude dessas programações e planos, dos quais, muitas vezes, venho a ter conhecimento apenas na hora das execuções, e sabendo que isso sempre gera desgastes físico, mental e até espiritual, que eu procuro sempre manter o corpo e a mente em boas condições, não só para continuar

recebendo as benesses espirituais, como também a condição de merecer dos amigos espirituais as suas boas atenções.

O recado acima, inclusive serve de alerta também para mim: “não basta querer, é preciso fazer por merecer”.

Digo isso porque sei de pessoas que querem facilidades espirituais, inclusive o desejo de “sair fora do corpo físico e viajar espiritualmente”, só que nada ou pouco fazem para terem as condições ideais: fumam, bebem, não estudam, não cuidam bem da alimentação, dormem tarde, se desgastam fisicamente em atividades não produtivas, pensam apenas no deus dinheiro ou em seus egos exacerbados, as “baladas” são rotinas, ... enfim, nada fazem para merecer uma condição de boa atenção espiritual.

...

Determinada noite, o “cicerone” espiritual se aproxima e orienta: - Relaxe, feche os olhos, cumpra o ritual de desprendimento do espírito da matéria, que eu estou lhe aguardando para continuarmos a viagem iniciada.

Após cumprir as determinações, ..., abro os olhos e vejo que estou sentado em confortável cadeira antiga, de madeira escura, com estofos vermelho brilhante tanto no encosto como no assento, e acabada com ornamentos que mais lembram pequenos sinos balançantes.

Pelo luar e estrelas no céu, vejo que é de noite.

O ar era de temperatura amena, a lua é cheia, e isso faz com que eu enxergue bem à distância.

Vejo um carroção típico de ciganos.

Em área central e de terra, vejo a abertura de uma clareira, e no centro há uma fogueira; e mesmo estando distante uns 10 metros dela, sinto o calor e ouço o crepitar das chamas.

Ao lado do carroção há uma mesa posta com comida: pães diversos, doces, jarras com bebidas, frutas diversas, predominando a espécie laranja e, uma tábua grossa com carne assada e fatiada completa o “banquete”.

Vejo ainda, ao redor do carroção, e em círculo da área onde me encontrava, pequenos amontoados de brasas e por sobre, folhas que eu não conhecia e que exalavam fumaça.

Nesse momento ouço voz feminina de tom suave que parte de uma cigana que sai de dentro do carroção: - Essas folhas, queimadas sobre brasa, produzem fumaças com odores que repelem os insetos.

Surpreso, por ver que mais uma vez, alguém falava comigo e eu sabia que não era um espírito ou outra projeção igual a mim, nada respondi e apenas fitei a cigana que, após descer do carroção, caminhava até onde eu estava.

A luz do luar, refletindo à sua frente e de cima para baixo, iluminava as curvas graciosas daquela mulher.

A única comparação que ali eu poderia fazer, é que ela parecia um anjo.

Um anjo em forma de mulher vinha em minha direção.

Nessa hora, agradei aos amigos espirituais que me puseram em contato com aquela cigana.

Aquela visão valia a lembrança de um pedaço do Céu.

Ela trazia uma cadeira simples de palha trançada, e nela se sentou a pouco mais de um metro de distância.

Pela voz, já sabia quem era, ... Isabele.

Estava mais linda que da vez anterior.

Talvez devido a claridade do luar continuar refletindo em sua brilhante e sedosa pele morena, ela parecia brilhar com um ar todo próprio.

Sua roupa, a qual entendi ser trajes de dormir, por me parecer ser de seda azul escuro e brilhante, simples e sem detalhes, pela temperatura amena da noite, e até com um certo calor, dispensava agasalhos.

Essas condições reunidas a faziam usar um traje leve, o qual praticamente colava e contornava o seu corpo, o qual me transportava em pensamentos para os mais belos dos pecados sem culpa.

Sempre temi os feitiços do coração, pois nunca encontrei remédio rápido e eficaz contra as dores da saudade e as dores do amor não correspondido, a não ser o tempo, ... o longo tempo.

Enquanto fazia essas conjecturas, um longo silêncio acontecia, e ela só me olhava, ... e olhava de maneira terna como uma mãe olha para o filho, o que fez até com que eu me sentisse culpado por ter tido outros tipos de pensamentos.

Como eu já sabia que ela decifrava meus pensamentos e sentimentos, entendi que ela respeitou meus “leves pecados”, dos quais ela sabia que era a maior culpada; e, da mesma forma, como na cumplicidade quem cala é porque consente, ela se fez de muda.

Nesse vazio do silêncio, senti que o mesmo estava preenchido por mil histórias de amores que ela poderia me contar, e todas permeadas da busca ao seu amor verdadeiro, e também, nunca encontrado.

Ela toma a decisão de romper o vazio, mas cheio de silêncio, e me diz: -

Não se surpreenda comigo, sou uma cigana do Clã Castellari, cigana catalã e mística por herança genética iniciada séculos antes do nascimento dos assassinos da cruz.

Da mesma forma que você, também me usam nos propósitos que só Eles sabem quais são.

Sei do eterno tempo Deles e escasso seu.

Sei que você tem muitas perguntas, e algumas delas são: “Quem sou, o que eu represento para você, onde estamos ligados, e porque você veio até mim?”

Vou ser breve.

Procure ouvir sem se distrair com nada, pois assim, na hora de transcrever, não perderá uma só linha.

Acho que ela estava adivinhando os meus pensamentos quando falou sobre “ouvir sem distração”, pois era inegável que a sua intuição feminina já a tinha alertado que a sua figura tinha me abalado emocionalmente, pois se somava a uma impressão favorável anterior vivida no centro de uma praça defronte à igreja matriz, bem como a outros fatores desconhecidos e que eu sei existirem.

Como que, para eu me refizesse emocionalmente, levantou-se e com o seu gracioso andar de leve menear, foi até a mesa, serviu-se de um grande copo tipo canecão, encheu-o de bebida, e com um garfo de dois dentes espetou um pedaço de carne.

Feito isso, retornou à cadeira e mostrando a carne e a bebida para mim, semi-cerrando os olhos, talvez para se centrar em pensamentos, continuou:

- Eu poderia lhe servir comida e bebida no prato, mas você não teria como pegar, nem comer, e nem beber, pois você é uma forma astral espiritual.

Não é preciso lhe dizer que se você se concentrar em comer ou beber o que está comigo, você vai absorver somente a energia prana que dá a substância de vida ao alimento.

Isso, você sabe, é um processo de alimentação dos Nosferatus dos Kárpátos, só que, somente absorvem a energia do sangue de quem está vivendo em corpo físico, e isso traz a “pomana” (morte).

Não é errado absorver alimentos quando é oferecido, pois o convidado deve ser tratado com o melhor que temos, e isso é tradição cigana. Você aceita?

Percebendo estar ali em jogo uma linha de conduta entre educação e cultura de um povo, bem como de nível de graduação de conduta pessoal, optei pela política da educação esclarecida, lhe respondendo:

- Senhora Isabele Castellari, o melhor que a tradição cigana pode oferecer, ela já me deu, que foi a sua acolhida hospitaleira e amiga, bem como o interesse sem questionamento de atender o solicitado pelos nossos amigos espirituais, que acho, são comuns a nós dois.

Se me permite a liberdade de expressão, em acontecendo de um dia a situação for inversa, e for a senhora quem vier até

mim em projeção astral, a exemplo dessa sua apetitosa refeição que me oferece, creia, eu vou lhe tentar com os melhores manjares, pois acho que nada substitui o prazer de sentir a comida nas mãos e sentir o sabor dela nos dentes e língua.

Como se isso fosse um “quebrar de gelo”, ela riu muito, me mostrando seus alvos e perfeitos dentes, pôs a comida e bebida de lado e continuou: -

Primeiro, não me chame mais de senhora, me trate naturalmente de você, como eu sendo a mais velha companheira, amiga e irmã que você possa ter, pois venho lhe tratando dessa mesma forma.

Mas, vamos à nossa narrativa histórica e mítica: todos os anos, nos dias 24 e 25 de Maio, a cidade de Saintes Maries de la Mer, pequeno porto de mar na Foz do Rio Ródano, transforma-se no maior acampamento cigano do mundo.

Milhares de ciganos vem para cá, vindos de muitos países da Europa, do norte da África e do Oriente Próximo, e aqui se reúnem.

Alguns poucos ciganos, e das proximidades, em torno de até mês de viagem, vem para cá, ainda com as antigas e tradicionais carroças, de madeiras pintadas e com cores muito vivas.

É certo que a maioria se modernizou, vivendo e viajando agora em confortáveis reboques ou trailers, tendo nos seus tetos as antenas parabólicas para rádio, TV, Internet, e outros fins, e alguns ainda contam até com GPS, o que dá a indicação exata da localização por satélite.

Quatro ou cinco dias antes das datas de 24 e 25 de Maio, os ciganos começam a chegar, e estacionam suas casas móveis ao longo dos cais e das praias, e também na periferia do pequeno núcleo urbano de Saintes Maries de la Mer.

Nesse período, tudo é festa.

Se vestem com suas roupas tradicionais: os homens com seus trajes escuros, e as mulheres com longas saias multicoloridas, ostentando muitas jóias e adereços.

A Prefeitura da cidade autoriza inclusive o acendimento de fogueiras, e é ao redor delas que os ciganos tocam música, cantam e dançam, comem e bebem, e se entregam a conversas intermináveis com amigos e parentes.

Passear de madrugada, de fogueira em fogueira, visitando grupo a grupo de ciganos, representa para muitos, principalmente aos gadjos a oportunidade rara de testemunhar in-loco momentos da vida cigana tal como ela é, ou pelo menos, como ela era nos tempos em que havia menos sedentarismo e os ciganos eram mais nômades, vivendo pelas estradas do mundo.

Nesse passeio de madrugada, vivendo a vida noturna das fogueiras, se tem contato com:

“gitanos” - ciganos da Espanha, Portugal e França;

“gypsies” – ciganos da Inglaterra;

“boêmios” – ciganos da Alemanha;

“zíngaros” – ciganos da Itália;

“rons” – ciganos dos países da Europa Oriental;

e tantos outros grupos minoritários.

A oportunidade aos gadjos, é que a ocasião significa interagir com os ciganos, pois nessas datas festivas, nós, os ciganos, oferecemos sempre a todos, um trago de nossa forte aguardente.

Também, todos os gadjos podem empaturrar os seus ouvidos com o som de nossas músicas emocionantes, e os seus olhos podem se extasiar com as danças de nossas ciganas, que se mostram sempre apaixonadas e sensuais.

Muitos grupos importantes de músicos ciganos sempre se fizeram presente na festa.

Até grupos ciganos soviéticos, antes proibidos da viagem, hoje já podem se apresentar em Saintes Maries de la Mer.

Agora, preste bem atenção, embora o clima geral do grande encontro de ciganos em Saintes Maries de la Mer seja o de uma festa considerada pagã, o objetivo oficial é bem outro: todos os ciganos estão ali para cultuar a santa de sua devoção – Santa Sara – uma santa católica cujas origens estão mais envoltas em lendas e mitos do que na verdade histórica.

Eu sei que você veio buscar o que mais se aproxima da verdade sobre Santa Sara; mas, talvez eu não venha a lhe satisfazer, pois todas as histórias das origens de Saintes Maries de la Mer estão envoltas nas brumas misteriosas do mito.

Se o que você aqui encontrar, ainda assim não lhe satisfizer, lhe recomendo desistir da empreitada, pois algumas coisas devem ser o que são e devem permanecer como são encontradas, ... e no caso, que as lendas e os mitos permaneçam como são.

Tradicionalmente, com maior aceitação popular, e de maior propagação, conta-se que lá pelos anos 40 depois de Cristo, uma barca aportou às margens do Mediterrâneo, no lugar onde hoje se situa Saintes Maries de la Mer.

Expulsos da Palestina, estavam reunidos nessa barca vários personagens bíblicos:

Maria Jacobina – a irmã da Virgem Maria;

Maria Salomé – a mãe dos apóstolos Tiago e João;

Maria Madalena – a esposa de Jesus;

Marta,

Lázaro,

Maximino e,

A serva das Santas acima – uma negra de nome Sara.

É essa negra, a escrava das Santas, a Sara, que os ciganos vem venerar todos os anos, nas datas de 24 e 25 de Maio.

Mas, cabe aí várias indagações à respeito do que realmente aconteceu nessa época: Sara estava mesmo naquele barco, ou já habitava a Camargue no momento da chegada das Santas, tendo decidido, por amor e piedade ajudar as santas bíblicas nos caminhos difíceis do exílio?

As lendas se misturam e as versões mais contraditórias são contadas.

Uma lenda diz que ela era uma antiga rainha das Terras de Camargue.

Outra diz que ela era uma egípcia versada nas artes místicas.

Também dizem que ela era uma negra africana que para Camargue havia se mudado.

Ainda, que ela era uma sacerdotisa do deus Mitra, de origem oriental.

Complementam dizendo que Sara personifica uma antiga divindade feminina telúrica dos celtas – uma espécie de Grande Mãe ligada à Terra.

Nesse momento, pela primeira vez interrompi a narradora cigana Castellari, e até com certa voz notada de decepção, e lhe perguntei: -

Isabele, me desculpe por interrompê-la, mas, até o momento, tudo o que você falou sobre a Santa Sara são apenas especulações, conjecturas, enfim, nada há que possa ser visto como real?

A narradora Isabele Castellari tomou de seu canecão, levou-o aos lábios, sorveu um grande gole como para tirar a secura da boca, olhou para mim de maneira a retratar que estava entendendo o meu problema, e com muita paciência retomou a conversa: -

Sara, na visão de outro conceito, encarna a síntese de um mistério feminino cultivado desde a antiguidade, e também cultivado ao longo de muitos séculos na região de Camargue.

A própria história comprova que na região de Camargue, ao longo de muito tempo, sucessivamente, várias colônias de civilizações antigas foram se estabelecendo, e umas interagindo com as outras, muitas vezes não até de forma pacífica.

Para Camargue vieram as civilizações, por ordem: a egípcia, a cretense, a fenícia, a grega, e depois a romana.

Vindos do mar em suas embarcações, grupos dessas culturas subiam o Rio Ródano e penetravam fundo nas terras que hoje são a região da Provença – sul da França.

Todas as linhagens de poetas e menestréis provençais dessas culturas, cantaram e contaram a história de Sara, que teria sido, numa outra versão segundo eles, a primeira mulher convertida ao cristianismo após a chegada em Saintes Maries de la Mer dos exilados da Terra Santa.

Há ainda uma outra história a respeito da Santa Sara, só que essa de cunho fechado, exotérico, secreto, proibido pela igreja cristã de sua propagação, que independente de onde veio a Sara, como a Maria Madalena – a esposa de Cristo, aportou grávida, a Sara teria sido a parteira, e desse serviço teria nascido a menina Clara – assim batizada numa alusão a estar em si, ausente de Trevas.

Também, Sara foi a encarregada de ser a instrutora da primeira filha de Jesus nascida no sul da França.

Com o nascimento de Clara, esta veio a somar-se aos demais outros quatro filhos de Maria Madalena com Jesus, em idades aproximadas de 12 a 15 anos.

Os filhos e descendentes de Jesus com Maria Madalena, com o passar dos tempos, misturando-se com a Linhagem Real dos

Francos, e via casamentos, engendra assim, a Linhagem Merovíngia.

O motivo do aporte em Saintes Maries de la Mer, se explica pelo fato de lá já haver sido constituído uma comunidade de refugiados judaicos, fugidos do jugo romano.

Essa Linhagem Merovingia também é a responsável por uma das mais belas lendas medievais, que é a do Rei Artur, sua esposa Guinevere, a espada presa na pedra, os seus Cavaleiros da Távola Redonda, Camelot, o Mago Merlin, sir Lancelot, a bruxa Morgana, ...

O Rei Artur “buscava” encontrar o Santo Graal, considerado por todos como um cálice contendo o sangue de Jesus, quando o real objetivo era encontrar, recolher e proteger a linhagem da destruição desejada pelo comando de uma igreja que entendia a ameaça de expor ao mundo os descendentes de um mito criado.

O Rei Artur conseguiu, em parte, seu intento de proteção, pois um de seus cavaleiros – Parcival – o chamado Cavaleiro Verde, era um descendente de Jesus.

Você pode confirmar isso através da obra de um Cavaleiro e Maçom místico de nome Richard von Wagner, o qual compôs a Ópera Parsifal, que nada mais é que um tributo a Maria Madalena e à descendência de Cristo, e contada através da história de um jovem cavaleiro em “busca da verdade”.

E, se você seguir essa Linha Merovíngia, você vai encontrar seqüência dela, até em sua terra, o Brasil, e através a primeira esposa de D. Pedro I (1798/1834) – a Princesa Leopoldina (Maria Leopoldina Josefa Habsburgo - 1788/1817), Arquiduquesa da Áustria, filha de Francisco I, Imperador Habsburgo, da Áustria e Rei da Hungria e Boêmia, Chefe da Santa Aliança, e casado com a Imperatriz Dona Maria Carolina de Bourbon, irmã de Fernando I e da Imperatriz Maria Luíza, a qual era esposa de Napoleão Bonaparte - sobrinha da Imperatriz Maria Antonieta, e também filha do Imperador Austríaco Habsburgo.

E a Linhagem Merovíngia da Princesa Leopoldina, vem de dois lados: pela Dinastia dos Habsburgos, da Prússia, e pela família real dos Bourbon, ambos de origens Nórdicas.

Estava estupefato!

Digerindo tantas novas informações, me sentia num misto de extasiado, mas também, eu estava um pouco decepcionado.

Mais lendas e mais histórias paralelas me eram impingidas, ... e sobre a verdadeira história de Santa Sara, nada que pudesse ser considerado palpável.

Por antecipação, e já temendo que não conseguisse o intento de receber algo real, resolvi adiantar e cortando até novas fases de histórias, estórias, lendas e mitos, que ainda

poderiam ser contadas, pergunto a narradora cigana Isabele Castellari: -

Querida Isabele, mais uma vez, e pedindo desculpas por interrompê-la, gostaria de lhe perguntar algo que me intriga, e que é uma pergunta que normalmente nem o próprio cigano vem a se perguntar: “Em vista de tantos desencontros de histórias, onde não se sabe o começo da lenda e o começo do real, porque o povo cigano escolheu a Santa Sara como a sua Santa Padroeira?”

A narradora cigana Castellari levanta-se, olha para mim, esboça um sorriso, e enquanto vejo que o seu corpo começa a brilhar, e por ter visto isso acontecer num paralelo anterior, entendo que é hora de voltar; mas, ainda assim ouço ela me responder: -

Até breve e vai com Deus, amigo, espero voltar a falar contigo, e com mais tempo.

Novamente, na iminência da despedida, me vem sentimentos de uma saudade de alguém que, por mais desconhecida que seja, me parece tão íntima.

Quanto ali eu gostaria de continuar junto.

Quanto é bom ouvir sua voz e estar diante de alguém que mostrava tão vasto conhecimento.

Percebia estar ali a resposta de minhas buscas inconscientes: não a necessidade de ter alguém fisicamente perto, mas sim, de ter alguém intelectualmente junto, ... não como um complemento ou como ouvinte, mas sim, de alguém que me levasse por outros caminhos dos pensamentos e preenchendo vazios de informações que para mim, sempre senti ser doloridamente secular.

Todas as imagens desvanecem dando lugar ao meu escuro quarto, onde novamente me encontro deitado em minha cama, só que sinto um peso diferente sobre o meu peito e sinto ainda o raspar de uma espécie de lixa molhada em meu rosto.

Tomando um tremendo susto, por instinto, pulei da cama jogando o que havia por sobre mim de encontro à parede.

Só então escuto o miado desesperado e assustado do meu gato de nome Zéca ... coitado ...

Refazimento, acalmar o gato, refeição, transcrição ao micro e, ... aguardar nova viagem.

A Terceira viagem

Passam-se mais algumas noites sem acontecer a continuidade da viagem.

Começo a encarar a hipótese de que esse tempo é para reparar os desgastes físicos, mentais e psíquicos que acontecem nessas viagens.

Sendo assim, meu muito obrigado aos “agentes de viagem e cicerones espirituais”.

Numa determinada noite, após deitar e procurar me ajeitar ao máximo no pouco espaço de minha cama, já que a mesma também estava ocupada por dois de meus gatos – o Zéca e a Pipa, me vem nitidamente à mente, a voz da cigana Isabele, a qual me pergunta: - Porque nós escolhemos Santa Sara como nossa Santa Padroeira? Quer saber? Venha até mim!

Após cumprir os procedimentos para a saída astral, ..., quando abro os olhos me vejo novamente sentado na mesma cadeira e no mesmo lugar de antes, só que a diferença estava na temperatura ambiente, a qual senti estar fria.

Isabele já estava em minha frente, mas diferente da vez anterior, cuja visão tanto me extasiou. Estava vestida com roupa comprida e grossa, de chalé que dava várias voltas por seu pescoço, bem como uma espécie de pano formando um capuz em sua cabeça.

Olhando para o céu, não vi a Lua e nem as estrelas. Uma espécie de nuvem negra tapava todo o céu, deixando a noite bem escura.

Como para compensar a escuridão e o frio, estávamos mais próximos da luz e do calor emitidos pela fogueira.

Visualizei outras formas de ciganos no local, os quais entregues aos seus afazeres, pouca importância davam à minha pessoa, como se já acostumados à essas situações inusitadas para os mortais comuns, mas comuns para Isabele.

Nesse momento aproxima-se uma menina cigana, talvez com 12 anos de idade, trazendo caneca com líquido quente, pois dela saía fumaça.

Isabele toma da caneca e me explica que é vinho quente acrescido de especiarias para fortalecer o organismo contra as moléstias provocadas pelo frio, e também para “reforçar” a sua visão espiritual.

Novamente, rindo como quem faz desafio inocente, coloca a caneca próxima de meus lábios e pergunta se eu não quero provar.

Pela proximidade com a caneca, sinto a temperatura e aromas dela emanados, ... sinto cheiro de cravo, canela, maçã e, ... o que? ... algo mais que não sei definir. Fecho os olhos e procuro aspirar pelas narinas essa fumaça de cheiros exalados pelo vinho quente. Essa inalação faz acontecer dentro de mim, uma sensação de fortalecimento e um prazer incontestado de ter sorvido algo substancioso. Tive até uma impressão de nunca ter sentido esse sabor antes.

Abro os olhos e manifesto o meu desejo de querer mais; mas, tomo um tremendo susto, pois ao lado de Isabele encontra-se um velho cigano cheio de penduricalhos ao redor de seu pescoço, olhando preocupado para Isabele, e com ares de medo e precauções contra mim.

Isabele fala para o velho que ele não precisava se preocupar. “Pepe”, ... acho, ... era este o seu nome.

Isabele lhe diz que eu estava tão somente aceitando a hospitalidade cigana, ... que eu não seria um adepto da alimentação dos Nosferatus dos Kárpato, ... que eu não estava ali para trazer prejuízo para quem quer que fosse, ... que, a exemplo dela, eu também era um dos “cobertos pelas Trevas nos Mistérios”, ... e também, que eu era um enviado por Eles, os quais determinaram que ela me informasse tudo o que fosse possível sobre o culto à Santa Cigana.

Mudando o semblante de preocupado para de um certo alívio, o velho cigano me faz uma reverência, em gesto de menear a cabeça tendo a mão direita, em punho fechado, levado para o peito.

Não sabia o que era isso, mas por instinto, lhe respondo igual, no que o velho me sorri.

O velho tira uma corrente com uma espécie de cruz de metal de seu peito e a coloca no pescoço de Isabele.

Vejo que é uma cruz diferente, pois tem apenas uma haste vertical, mas duas hastes na horizontal, e a de baixo maior que a de cima.

Isabele me informa que a cruz é chamada de “caravaca”, e tem a função de repelir espíritos ruins.

Após colocar a cruz em Isabele, o velho se afasta em direção aos seus que, durante o tempo que o velho permaneceu conosco, pararam todas as suas atividades e ficaram de sobreaviso olhando para nós.

Ouçõ o velho determinar a mesma menina que traga para nós dois novos canecos com a bebida, não sem antes também colocar no pescoço dela um outro amuleto.

Após encher duas novas canecas, a menina nos traz as canecas, dando uma para Isabele e a outra coloca sobre um pequeno banco de madeira ao meu lado, (lógico, pois não teria como pegar).

Como que lendo meu pensamento, Isabele riu, sorveu um bom gole do vinho quente de sua caneca.

Após, pegou a caneca endereçada a mim, a colocou próximo ao meu rosto e falou para eu absorver o cheiro.

Senti novamente como se tivesse realmente bebido do vinho quente, o que foi muito gostoso.

Agradei, e ela continuou: -

Para responder a sua pergunta sobre Sara ser a Padroeira dos Ciganos, é preciso voltar no tempo, até as origens do povo cigano e sua chegada ao mundo ocidental.

Os ciganos tem origem no Norte da Índia.

Todos os dialetos ciganos derivam em suas raízes, no Sânskrito Indiano Arcaico, que aliás, é a mais antigas das línguas conhecidas, e a primeira das línguas escritas que definiram vogais e consoantes, sendo portanto, uma língua perfeita.

Todas as demais línguas dela derivam, mesmo que os significados dos sentidos das palavras tenham sido deturpados.

Essa língua é a clássica dos Brahmanes – os seres pertencentes a mais elevada das quatro castas da Índia, e todos os Livros Sagrados da Índia estão escritos em Sanskrito..

Uma das particularidades da língua Sanskrita é que, cada letra possui um significado oculto e a sua própria razão de ser.

Todas as letras possuem um Sentido, uma Causa e um Efeito; e por isso é considerada a “Língua dos Mistérios dos Iniciados da Quina Raça da Terra”.

Como exemplo, saiba que a língua Hebraica, cujas letras e números também são um Sentido e um Mistério, é uma cópia da língua Sanskrita.

Saindo da Índia, sabe-se que as imigrações dos ciganos iniciaram cerca de mil anos atrás, começando entre as margens do Rio Indo e os confins do Afeganistão.

Anterior a esse período, a história das imigrações ciganas é obscura, não se sabendo precisar as causas que originaram os ciganos a viajarem sempre mais para a direção do Oeste.

Os ciganos aparecem na Grécia a partir de 1322.

Há registros históricos da presença de ciganos na cidade provençal de Arles em Abril de 1438, e essa cidade está a apenas dez léguas da cidade de Saintes Maries de la Mer.

Veja que há registros históricos que em 1428, foram descobertos em Saintes Maries de la Mer, as relíquias das santas Maria Jacobina, Maria Salomé, e também das relíquias da Sara, e os despojos das duas primeiras santas estão guardados numa grande arca, colocada hoje num nicho na parte superior da igreja de Nossa Senhora do Mar.

Essa arca fica exposta aos fiéis, ao lado do altar principal durante as festas de 24 e 25 de Maio.

Dizem que os despojos de Sara foram sepultados numa cripta da igreja, e é ali que se pode visitar, ao longo de todo ano, a imagem negra que representa Santa Sara.

Os ciganos de todo o mundo, são muito orgulhosos de sua misteriosa tradição religiosa original, e fazem questão de preservar sua tradição bem longe dos olhos dos gadjos – os não ciganos.

Só que, como eu lhe disse, nós procuramos sincretizar sempre com as religiões de onde convivemos, e por essa conveniência, nos “convertemos” à religião dominante nos países onde eventualmente nos fixamos.

Entenda que essa tal prática de sincretismo sempre nos ajudou a nos defendermos melhor contra os preconceitos dos não ciganos.

Veja que os despojos de Santa Sara estão sepultados dentro de uma igreja católica. Pode um crente de outra religião adentrar ao piso das igrejas católicas e lá praticar ritos estranhos a essa igreja?

É por isso que na França, bem como em outros países católicos, nós nos declaramos católicos.

Dessa forma, estabelecemos via sincretismo, uma relação devocional com a Santa Sara, mesmo estando ela, e tudo o que com ela se relaciona, custeado por outros, que não ciganos.

Esse nosso proceder sincrético, visto pelos gadjos como forma de cultura religiosa diferente por sermos ciganos, mas sempre entendidos como todos nós sendo também católicos, criam as condições para não termos obstáculos em cumprirmos alguns de nossos rituais ciganos dentro da própria igreja católica.

Quanto ao culto, você já entendeu; mas, quanto aos motivos, é porque ela – a Santa Sara, encarna em si, todas as principais formas de cultos, principalmente do passado, e de todas as culturas milenares.

Os ciganos, por serem de vários pontos, para não possuírem divergências no culto a uma de suas deusas, divindades ou santas, convergem para Santa Sara a totalidade dos arquétipos cultuados.

Isso é sincretismo puro e simples; mas, que agrega as diferenças para um ponto comum.

Um cigano a vê dessa forma, e outro cigano a vê de outra forma; mas, sempre olhando para a imagem negra representativa de Santa Sara.

Isso acontece devido a Santa Sara ter acima de tudo, origens obscuras em sua história.

Para muitos ciganos, Santa Sara é reconhecida como tendo a pele escura, ou na mesma cor da pele trigueira dos povos da Índia.

Para outros, ela ainda é vista como uma santa mais do que atípica, já que ela também se relaciona a um grande número de mitos pagãos.

Para a igreja católica, a Santa Sara é considerada apenas uma santa de culto local, já que ela jamais passou pelos processos normais, regulares e completos de canonização.

A Santa Sara também liga-se a uma outra tradição cristã medieval que foi de grande importância na Europa: - “O culto às assim chamadas virgens negras”, onde, centenas dessas santidades femininas, representadas por estátuas de cor negra, eram adoradas na Idade Média por fiéis católicos que transformaram as igrejas onde elas se encontravam em verdadeiros santuários de peregrinação.

Várias dessas imagens chegaram à França e Espanha, e podem hoje ser admiradas, bem como são cultuadas, como é o caso de:

Nossa Senhora de Montserrat, em Barcelona;

Nossa Senhora de Liesse e Notre-Dame desMures, em Cornas;

Notre-Dame de Marseille, em Limoux;

Notre-Dame de la Negrette, em Espalion;

Notre-Dame de Mauriac e Notre-Dame de la Délivrance, em Douves;

Notre-Dame de Puy; etc.

No contexto cristão, todas essas virgens negras vieram a substituir as antigas divindades femininas pagãs pertencentes às religiões pré-cristãs ligadas à Grande Mãe – a Terra.

A “sua” Virgem Negra foi “pescada” no Rio Paraíba, e veio a se tornar a “Nossa Senhora de Aparecida” – a Padroeira do Brasil.

Ela veio a preencher um espaço vago, já que no Brasil não havia uma santa padroeira, ou seja: uma divindade que tomasse conta do Brasil todo, como é o caso do Cristo Redentor, que faz essa função.

Ainda, para muitos, ela é cultuada como sendo a Maria – a mãe de Jesus, a qual sabidamente, era de cor branca.

Veja que aí existem vários sincretismos. Primeiro, uma Virgem Negra se torna a Padroeira do Brasil. Segundo, ela substitui Maria – a mãe de Jesus.

Também nós os ciganos, trouxemos de nossas terras de origens, muitas divindades femininas telúricas, representadas quase sempre por imagens negras.

E todos esses arquétipos foram rapidamente associados e substituídos pela figura negra da Santa Sara, da mesma forma que no Brasil aconteceu o sincretismo entre as divindades do panteão africano e os santos católicos.

Exatamente por essas misturas, é que, confusa, erroneamente e por desconhecimento, dentre os nominativos de Santa Sara, também a chamam de Kaly.

Kaly, entenda, ... é uma das principais deusas do panteão da Índia, a qual está relacionada com os aspectos da Criação e da Destruição.

Aspectos esses, que nada tem a ver com as qualidades de todas as Santas, Divindades e Deusas que são e foram sincretizadas em cima do arquétipo de Santa Sara.

E, essa Kaly, do panteão indiano, nada tem a ver com a nossa Santa Sara - a Protetora dos Ciganos.

Somente pessoas, dando mostras de ignorância, sem o devido conhecimento de origens e representações de uma Santa chamada de Sara, e de uma Deusa Indiana de nome Kaly, é que fazem o sincretismo entre ambas.

A Santa Sara tem idade aproximada de 2.000 anos, vivendo na mesma época que Cristo.

A Deusa Kaly - Deusa da Criação e Destruição, dos Hindus, sabidamente, é presença conhecida à mais de 4.000 anos.

Um dos principais aspectos para a sincretização, é quando se perde no tempo a referência original; daí, se junta o ícone quase desaparecido, ou proibido, do passado e o funde ao

ícone conhecido do presente, preservando a do presente, mas, mantendo o sentido oculto do passado ou do proibido.

Portanto, por questões do conhecimento de ambas: Kaly e Sara - onde em lugares, épocas e culturas religiosas, ambas ainda estão vivas na memória, e são cultuadas de formas diferentes.

Mas, voltando a nossa atual Santa Sara católica, a qual, você já entendeu, ela é síntese sincrética de muitas Santas, Divindades e Deusas, bem como de formas de culto, e falando especificamente sobre o culto professado à ela pelos ciganos “católicos” aqui em Saintes Maries de la Mer, o momento culminante do culto à Santa Sara acontece durante o dia e madrugada de 24 de Maio, e no interior da cripta onde dizem estar o corpo dela, o qual é marcado por imagem que fica por sobre a tumba.

A cripta subterrânea da igreja, localizada exatamente abaixo do altar principal, e onde fica a estátua de Sara vestida de brocados e coberta de jóias, transforma-se, literalmente, em uma tremenda câmara ardente, e isso devido a quantidade de velas que ali acendem.

A temperatura aumenta tanto, bem como as chamas das velas diminuem a quantidade de oxigênio no local, que é impossível permanecer ali dentro por mais de três minutos sem que aconteçam problemas como desmaios, falta de ar, alterações de pressão, etc.

Mesmo assim, a cripta permanece repleta de fiéis ciganos que se revezam por toda a madrugada dos dias 24 e 25 de Maio.

Pudessem os gadjês, naquela luz espectral das velas, testemunhar as manifestações de fé dos ciganos, é certo que se emocionariam em excesso.

Muitos ciganos, aos prantos, abraçam a estátua como se quisessem ser acolhidos dentro da imagem de Santa Sara.

Uns oram.

Outros invocam.

Outros parecem estabelecer um diálogo com a santa, e a ela se dirigindo nas suas línguas ou dialetos.

O clima geral é quase o de um transe coletivo, vindo até a acontecer as chamadas “incorporações” de espíritos ancestrais e antigos, sendo que os demais ciganos presentes se prostam em atitudes de respeito e veneração.

Os padres católicos - administradores da igreja, por serem particularmente complacentes com as formas de cultos ciganos à Santa Sara, e também pelos seus afãs em catequizarem e conquistarem os ciganos para a religião católica, não interferem nessas manifestações, já que “tudo acontece em nome de Santa Sara”.

Hoje, se você está acompanhando o processo contínuo da sedentarização do povo cigano no mundo todo, sabe que

transes desse tipo são muito raros, e só vem a acontecer em profusão dentro dos denominados centros espíritas, onde, tremendo paradoxo, o que se vê é o inverso – não é cigano incorporando seu ancestral cigano, e sim, os não ciganos é que vem incorporando ciganos, e pelo processo da mediunidade.

Leve com você a mensagem de que: se o povo espiritual cigano volta do mundo dos “mortos”, é porque nós, os ciganos, ainda carregamos uma intensa vibração de magia, a qual permanece no espírito, e ela precisa se manifestar para não se perder os rumos da Origem, e tudo descambar para o materialismo.

Também, que as pessoas incorporadoras de nossos espíritos – linhagem dos ciganos, são especiais, e que em algum momento em uma vida anterior, viveram o nosso modo de vida, e portanto, carregam “almas ciganas”.

E isso que eu estou lhe dizendo, qualquer pessoa, com um mínimo de sensibilidade pode perceber.

Parou ela de falar, já que até então eu não a havia interrompido uma vez sequer.

Eu mesmo podia notar que, cada vez mais, eu estava envolvido por ela, admirando todos os seus trejeitos, ... forma de falar, ... seu raciocínio, ... rir, ... apontar, ... gesticular, ... se mexer, ... seu perfume, ... seu jeito de ensinar, ...

Como uma reprimenda e uma forma de eu voltar à realidade, senti uma descarga elétrica estremecer todo o meu corpo, fazendo me acordar das fantasias da mente vagante por mundos errantes, e ainda ouço voz enérgica em minha mente, que diz: - “Concentre-se no principal, entenda a elucidação de forma clara, para o que você realmente precisa!”

Com um rápido meneio de cabeça e rápido piscar de olhos, olhei para ela, perdido tal qual o aluno que acorda subitamente na sala de aula tendo à sua frente os olhos enérgicos da professora, ... e ela, percebendo isso e demonstrando por seu sorriso que considerei maroto e de quem sabe “jogar as cartas” (ora, ela é cigana, lógico que sabe “jogar as cartas”, eu é que sou um bobo emotivo), disso não faz conta e continuando a narrativa, me faz uma pergunta: -

- Você poderia me perguntar porque não fomos direto para a cripta da igreja de Saintes Maries de la Mer, para que lá, você presenciasse o que lhe descrevi, certo?

Eu até lhe respondo isso, pois Eles me instruíram para lá não te encontrar, e para lhe dizer que, em teus Mistérios cobertos pelas Trevas, à exemplo de minha pessoa, não tivemos no passado, um bom relacionamento com os distribuidores, e nem com os antropófagos comedores do corpo e bebedores do sangue de Cristo.

Por isso, fui orientada para que “portas indesejáveis para a sua presente vida não se abrissem enquanto na carne”, o que

pode acontecer com maior facilidade enquanto você estiver em forma astral, desde que aconteça a reunião de certas condições, que talvez sejam lugares que tragam lembranças inconscientes de experiências passadas, principalmente em solo francês.

Realmente, essa pergunta me ocorreu, mas dela não fiz caso, pois me era mais agradável ficar na companhia de Isabele do que estar socado dentro de velhas criptas cheirando a ossos e bolor, misturado num murmurinho de fanáticos religiosos chorando e implorando proteção divina para suas fraquezas, mesmo que estes fossem ciganos cheios de mistérios de vida e morte, que tanto fascinam os gadjos.

Como das outras vezes percebido, e já acreditando piamente que Isabele lia meus pensamentos, percebi nela se abater uma tristeza seguida de olhos úmidos como num prenúncio de choro.

Percebi que a razão disso tinha sido o meu jeito simplista de qualificar pessoas como sendo inferiores por ainda não terem aprendido lições de espiritualidade sobre as próprias ações e conseqüências, onde somos o que somos em razão de nossos próprios atos.

Senti que ela entendia meu comportamento em relação às pessoas, como de uma frieza onde não cabia compaixão.

Senti ali, uma dura lição para ela em relação à minha pessoa, no caso de ser verdade que ela vinha formando uma idéia sobre mim de que eu fosse “um santo”. Ledo engano dela!

Em minha procura mental perante Isabela, e para justificar ser o que sou, em vista dela ter-se mostrado de uma sensibilidade extrema, procurei projetar meus pensamentos para ela, me lembrando de ter criado regras próprias para minha vida, e por elas ir me pautando, e isso, em vista de experiências amargas já sofridas.

Uma dessas regras se baseia numa síntese de uma lição que é atribuída à São Francisco de Assis, (na qual eu tenho dúvidas ser dele, pois é contrário à sua conduta de vida baseada no Amor Puro): “É dando que se recebe!”

Realmente, como filosofia própria de vida, procuro sempre me doar ao máximo para as pessoas que de mim necessitam; só que, sempre espero a devida retribuição, e no mínimo em mesmos moldes, e não em primeiro para mim, e sim da pessoa para consigo mesmo; e quando isso não acontece, no intuito de não criar amarras geradas pelas Leis do Carma, elimino quaisquer ligações.

Também, costumo me doar muito, mesmo para quem nada solicita; só que, pelas Leis da Reciprocidade, espero as compensações; e quando isso não acontece, me lembro de uma das leis por mim criada, como o contrário da suposta frase de São Francisco, que é: “Quem recebe, tem que dar”!

E, nessa situação de quem recebe não doar, além de eu tachar a pessoa de egoísta, coloco-a no “gelo”, em todos os sentidos. Afinal, não devemos nos esquecer que a primeira profissão inventada foi o comércio – ou o chamado “escambo” – e a troca é pura e simples: “Lhe dou isso, e você me dá aquilo!”

Ora, Deus nos dá a Vida, a Inteligência, o Livre-Arbitrio, a Liberdade, uma vida limitada na carne (mas progressiva pelas reencarnações), e uma Vida Imortal em espírito.

E o que todas as religiões dizem que Deus espera de nós?

Que voltemos para Ele!

Não é isso?

Só que o imperfeito não entra no Reino dos Céus!

Deus nos dá ..., só que, Ele nos cobra, mesmo de maneira indireta.

Portanto, com um mínimo de raciocínio com Razão e Lógica, é fácil entender que somos sempre o resultado de nossas próprias ações!

A questão é “Ação e Reação”!

Se nos dão, ficamos devedores.

Se damos, nos devem!

Isabele me olhava assustada. E isso, talvez, porque o meu modo prático adotado de vida fosse bem diferente do jeito cigano que ela aprendeu.

Como resultado dessa minha projeção mental sobre ela, eu percebi nela, uma certa confusão mental, de difícil assimilação, já que vivíamos formas diferentes de comportamento.

Senti nela não haver mais tristeza, e sim, uma necessidade de nos ajustarmos em nossas opiniões formadas.

Sentia que ela não mais estava em posição de reservas e precaução, e sim, de que deveríamos trocar de posição, para sentirmos as razões das diferenças.

Quem é Isabele? Com esse pensamento e olhando profundamente em seus olhos ainda um pouco úmidos, vejo novamente o brilho que a rodeia, e me invade uma profunda paz com um lento adormecer sem palavras de despedida.

Não sei precisar se após o retorno ao meu corpo físico, permaneci adormecido, ou o retorno aconteceu já de manhã, com os raios de sol adentrando ao meu quarto.

Estava só. Sem nenhum gato comigo.

Muito para pensar.

Só me restava aguardar novos acontecimentos, ... se é que haveriam. E Isabele? Eu a veria de novo? E tudo o que ela

estava me dando, de que forma eu poderia lhe “pagar”? Ou melhor: devolver!

A Quarta viagem

Noite seguinte, deitei sem a esperança de “viajar”, pois das outras vezes os intervalos chegaram até a uma semana. Portanto, me aconcheguei da melhor forma possível, fechei os olhos e dormi.

Para minha surpresa, sinto muita claridade em meus olhos, e apesar de fechados, ouço o burburinho de multidão ao meu redor, ... ouço música, ... ouço cantos, ... mas, o melhor som que ouço é a voz de Isabele, e bem próximo ao meu ouvido:

- Você sabe que dia é hoje? ... É dia 24 de Maio. ... Agora são aproximadamente três horas da tarde, e estamos novamente na praça defronte a igreja, onde nos encontramos pela primeira vez. ... Lembra? ... Abra os olhos! ... Veja a beleza que é a festa cigana para Santa Sara!

Abro os olhos e estes são inundados por sol forte, o que me obriga a fechá-los por um tempo até acontecer a adaptação.

Me lembrei que fui deitar, no escuro, e de repente, me vejo, em instantes em local ensolarado.

Naquela confusão de gente, e a maioria de ciganos, só tinha olhos para Isabele, o que me fez sentir vontade terrível de lhe dar uma abraço, e assim ficar por muito tempo.

Como entendendo meu desejo, o qual era patente em vista da forma que a ela olhava, ela se aproxima de mim e como sou uma forma espiritual, sinto seu corpo adentrar ao espaço ocupado pelo meu, o que por ser corpo astral, e não matéria, na realidade meu corpo não ocupa espaço físico. Esse adentrar dela ao meu corpo astral me faz sentir suas sensações, as quais retrato como de alegria, e porque não, até um pouco de amor e saudade. Era um bem sentir não transmissível em palavras escritas.

Por sua vez, ela sentia que eu lhe transmitia sensações de muitos arrepios, e um certo peso agradável, acrescido de um pouco de frio.

Todo esse nosso contato, frente a frente, fazia com que eu, por conservar minha altura do corpo físico, ficasse com o meu queixo como que “afundado” em sua cabeça, com o meu nariz “tocando” seus negros e longos cabelos, enquanto os meus braços a ladeavam, e como resposta à esse “toque”, ela se “afundasse” cada vez mais em mim.

Eterno instante, o qual eu não queria que findasse; só que fomos interrompidos e voltamos à distância de sempre, e isso, devido o espoucar de baterias de rojões, que anunciavam a saída de uma procissão de ciganos da igreja, os quais estavam conduzindo no alto do andor, a imagem da Santa Sara.

E o destino da procissão era o mar.

Em analogia à imagem de Santa Sara que era conduzida para o mar, eu me perguntei para onde Isabele conduziria os meus sentimentos. Sempre disseram que os olhos de uma mulher revelam sua alma e seus sentimentos; mas, como entender os olhos de uma mulher que tem nas maçãs do rosto moreno um certo rubor que revela estar fazendo algo temeroso e proibido? E proibido por quem?

Só sabia, que ao me olhar, ela retratava um misto de querer ficar, mas ao mesmo tempo, de fugir! Porque? Como para encerrar as indagações, os olhos dela se voltam para a fila de gente cigana atrás do andor, no que eu faço o mesmo, ... e vejo que a fila vai aumentando, formando um rio de gente, enquanto a procissão percorre as ruas de Saintes Maries de la Mer.

Muitos carregam vistosos estandartes e adereços, como miniaturas de antigas carroças ciganas.

A imagem da santa é protegida por um grande número de cavaleiros e, ... interessante, ... não são ciganos, são homens brancos habitantes de Camargue. Todos se vestem de preto e carregam na mão direita, uma espécie de lança longa.

Olho para Isabele, a questiono sobre esse fato, e ela, saindo de seu mutismo, me responde: -

- Esses cavaleiros não ciganos, vestidos de negro, e que carregam uma lança, são os membros da Ordem de São Jorge

– uma Confraria Cristã fundada em 1512, sendo eles, tradicionalmente, os encarregados do policiamento e da manutenção da ordem pública durante eventos religiosos como o Culto à Santa Sara.

Satisfeito com a resposta, observo que os padres católicos, todos vestindo hábitos de cor branca, com o uso de megafones portáteis, ou oram, ou cantam hinos litúrgicos, ou fazem exortações católicas, e nisso se percebe um esforço muito grande, deles, para dar a procissão de Santa Sara, um aspecto cristão e especialmente católico.

Mas, apesar dos esforços dos padres, coroinhas e demais ajudantes de ofício, o que se sobressai mesmo, é a música e o canto dos ciganos, os quais, todos os grupos e cantores, que, auxiliados também pelas palmas e cantos dos fiéis ciganos, imprimem à festa religiosa um incrível ar de imenso tablado andante de flamenco-andaluz.

Após atravessar as principais ruas de Saintes Maries de la Mer, pouco a pouco, a procissão chega ao mar.

Carregada por oito gigantes ciganos, o andor com a santa balança no ar quando os carregadores pisam na areia da praia.

Nesse momento, quando o andor está na areia, toda a multidão que vem atrás do andor vem a parar, quase que se imobilizando por completo, e somente andam para se

posicionarem para melhor visão, e depois param por completo.

Os carregadores continuam avançando pelas areias, chegam onde as ondas terminam, e mesmo assim, não param.

Continuam andando mar adentro até a água chegar na cintura.

E aí, algo mágico parece acontecer.

Quando os últimos seguidores do andor se aproximam da praia e param, também cessa todas as ladainhas, cantos, músicas e conversas.

E esse silêncio parece começar daqueles que estão mais perto da Santa Sara e vai, como uma onda, tomando conta da multidão.

Esse silêncio dura quase um minuto, mas tem a força de uma eternidade.

Nesse momento de silêncio vibrante, o qual parece carregar o ar de uma energia misteriosa, chegando a dar a impressão que o mundo parou, e que todos estão surdos, é que se percebe que todos tentam conter suas emoções mais escondidas.

Dá a impressão que todos ficam a espera de uma primeira manifestação, a qual fará aflorar em todos, o grito de um silêncio.

A emoção é tanta, que meu impulso ... e impossível, ... é o de reter nas minhas, as mãos de Isabele.

Enquanto a imobilização, o silêncio e a emoção duram, percebe-se o tempo parado.

Os carregadores, como em câmera lenta, fazem o andor girar sobre si, numa volta completa, sem saírem do lugar.

E como se saísse das brumas das consciências religiosas, nesse volteio, olhando a tudo e a todos, a imagem da Santa Sara parece adquirir o brilho da vida, e os seus olhos, além de contemplar o mar até onde alcança o horizonte, olha fundo dentro dos sentimentos de cada pessoa, e num envolvimento aprisionador dos sentidos, busca no âmago de cada alma, os anseios que cada um carrega.

Acontece a primeira explosão de emoção, e vem na forma de um choro incontido.

Como um rastilho, as demais pessoas, ciganas e não ciganas, envolvidas pela emoção do momento, liberam suas angústias, súplicas, agradecimentos e outras manifestações incompreensíveis, mas todas retratando a libertação de algo preso em suas almas.

Eu também sinto, ... eu quero experimentar, ... e quero me deixar envolver pelo momento, ... quero deixar a força mágica, ... a força espiritual, ... e a força cigana de Santa Sara me envolver por completo.

Sinto um nó na garganta, ... os olhos começam a marejar igual cachoeira, ... é uma dor gostosa no peito, ... é um sufoco no pescoço faltando o ar, ... é a importância da vida e o viver, ... é o arrepio do êxtase, ... é o arrebatamento a uma felicidade nunca sentida, ... é o pedir da coisa impossível que fica tão ao alcance, ... é o momento que não quer que se acabe e que se eternize, ... é o fechar de olhos e viajar aos páramos celestiais, ... é algo que não se pode descrever em palavras, ... acho que é um sentir espiritual nunca sentido pela matéria, ... é simplesmente demais!

Aos poucos, os burburinhos acontecem, voltam os cantos, voltam as músicas, voltam as palmas, voltam as conversas, ... eu sinto que as pessoas voltam ao normal.

Os carregadores saem da água, voltam para a praia e fazem o caminho de volta para a igreja, com as milhares de pessoas da ida, acompanhando o andor.

Rapidamente, analiso a Procissão Cigana de Santa Sara, como sendo de várias etapas mistas: um mistério cigano que vem à tona; uma visão de grande fé múltipla, mas juntadas em uma só; êxtase coletivo; e novamente fé.

Mas, em mim, as emoções se chocam:

Ali, eu sou irreal;

Isabele é real;

Santa Sara é lenda;

A Fé cigana existe;

O sincretismo traz vida ao Tabu;

Vê-se, mas não se enxerga;

Meus sentimentos me trouxeram retornos duplos;

Vi Luz em Isabele, e vi Trevas em mim;

Luz em Isabele querendo me alcançar, mas Trevas me abraçam.

Como me entendendo, Isabele olha para mim e nada me diz por palavras, mas sei por intuição, que ela está triste, não pelas minhas divagações na busca de entender tudo o que estava acontecendo, mas sim, porque ao me conhecer melhor em momento emocional, sabe que é a hora de mais uma despedida.

O pior é que ficava no ar algo não dito, mas sentido com tristeza.

Finda a missão de se saber mais sobre “Santa Sara”, como ficaria o futuro?

Haveria mais viagens com encontros com Isabele?

O brilho em volta de seu corpo começa a se formar e minha visão vai perdendo as imagens de onde estamos, ... tudo vai escurecendo pouco a pouco.

Vejo que em último instante, ela impulsiona sua mão, como que para reter a minha.

Acordo como que de um susto e com o coração disparado, sentindo em minha mão um ligeiro formigar.

Me levanto, tomo suco, depois bebo um café e vou transcrever no micro, pois não quero dormir.

Na cozinha, só então me dou conta que o meu gato Zéca me acompanhou em todas as tarefas. Faço nele uns carinhos, só que aí ele me pede que eu lhe abra a torneira d'água, pois ele gosta de beber direto na torneira. Depois eu lhe dou deliciosa carne para gatos.

Vou para o micro transcrever, mas com o pensamento voltado para perguntas como: Quando haverá nova viagem, ... e, ... Isabele! ... quem é você, e qual o seu significado?

Quantas outras coisas a me serem respondidas.

Pausa para divagação.

Nesse momento, os leitores e leitoras que até aqui chegaram, devem estar se perguntando: “se o assunto da narrativa era para ser exclusivamente sobre a Santa Sara e as verdades por trás de seus mistérios, porque esse “cara” está escrevendo, em

paralelo, não só outras informações, mas também algo parecido com confidências pessoal, onde tudo indica que ele está intrigado com essa tal de Isabele, e ela também, se percebe, está tentando entender o que lhe significa o “viajante astral?”

Aí, o Autor pode responder dentro da prerrogativa da palavra latina “sin cero”, traduzida como “sem cera” (a mesma cera que nos tempos dos teatros antigos pintavam a cara dos atores), o que deu origem a palavra hoje usual: sincero (de sinceridade).

Primeira questão:

Os cicerone espirituais sabem o que fazem, pois possuem conhecimentos que nem chegamos perto, principalmente para entendermos suas razões de comportamento.

Segunda questão:

Na Roda da Sansara – ou ciclos das reencarnações, onde tudo se prova estar interligado, como se elimina Carma?

- Ora, reparando erros cometidos.

Como se faz isso?

- Pelas oportunidades que se apresentarem quando dos contatos entre devedor e credor.

Como saber a quem devemos e quem nos deve?

- Não sabemos; mas, como os nossos amigos espirituais querem nos ajudar, sabem quem é quem, e muitas vezes, para apressar nossa evolução, nos colocam frente a frente com pessoas a quem devemos, ou de quem nos deve pagar.

Terceira questão:

Quem garante que essas experiências “extras” vividas pelo Autor, não servirá de respostas para questões para quem o trabalho sobre Santa Sara ler?

Quarta questão:

Os fatos envolvem o Autor na realização de um trabalho específico, só que esse trabalho está envolvendo outros aspectos.

O primeiro deles é no campo da “saída astral”, os quais muitos dizem praticar, mas na realidade o que entendem como “saída astral” é apenas produto de seus sonhos e fantasias.

O segundo deles, em que para o Autor, a “saída astral” é uma “facilidade”, ela é produto de muito estudo, treino, assimilação, ter os “cicerones” certos; mas, acima de tudo, serve para propósitos maiores do que apenas um simples desejo de realização para satisfazer ego.

O terceiro deles, está envolvendo aspectos que necessitam elucidação, e o Autor quer esclarecimentos convincentes.

O quarto deles envolve muito o Autor, cuja auto-qualidade que a si se rotula, que é a de não fazer juízo de pessoas antes dessas “pisarem na bola” e por sete vezes, entende num primeiro momento que o pedido de busca de mais informações por Santa Sara foi feito com intenção “sem cera”, e não de colocar o Autor num “saco de gatos”, e portanto a investigação deve ser continuada.

O quinto deles, é que, como desde há muito, aprendi que nada acontece por acaso, sei que há um propósito maior por detrás do que está acontecendo, do que estou escrevendo, que é sem omissão, e com sinceridade, tanto é que estou fazendo colocações que envolvem questões pessoais, que no caso, só se fazem para pessoas a quem tenhamos muita confiança.

O sexto deles, é que se houvesse o propósito apenas de envolver o leitor numa leitura convencional que se encontra em quaisquer livros, todos estes tem começo, meio e fim, pois é adrede preparado para essa finalidade. No caso presente, não há preocupação livresca, e sim o retrato do que ocorre.

Por enquanto, após esse “desabafo” vamos deixar essas questões de lado, e nos aprofundarmos mais na possibilidade de buscarmos mais informações sobre a Santa Sara – a Protetora do Povo Cigano, se é que ainda há mais, já que o informado, pelos menos para mim, até aqui, já se apresenta bastante elucidativo e suficiente.

A conclusão sobre Santa Sara, é a coisa mais simples de se entender, ... salta aos nossos olhos, ... está à nossa frente em todo momento.

Nós entendemos o sincretismo para Orixás e Santos católicos.

Mas, porque não entendemos isso para Santa Sara sincretizada como sendo todas as Deusas esquecidas dos cultos proibidos do passado?

Essa questão me lembra muito as advertências de vários espíritos ao longo dos anos de convivência:

Primeira: - “A verdade está diante de seu nariz, mas você não enxerga”!

Segunda: - “Quando a resposta para uma questão é julgada difícil, tem-se o hábito de se acreditar que a resposta repousa no mais fundo dos poços, e isso porque deixa-se de olhar na lâmina d’água”!

Terceira: - “A complexidade da pergunta, não necessariamente encontra eco em resposta complexa, pois no Universo tudo é simples!”

Uma viagem ao contrário.

Passa-se uma semana. Nada mais aconteceu.

Talvez, como não tenho mais perguntas sobre Santa Sara, e nesse ponto me encontro satisfeito, e talvez, por eu pensar em

questões outras e ainda envolvendo a Isabele, eu tenha me desviado do foco principal.

Talvez eu devesse repensar e descobrir se há mensagens ocultas nos textos, já que isso sempre fazem, pois gostam de testar minha capacidade de observação além da simples linha escrita.

Talvez ...? ... sempre o talvez, ...

Será que eu deixei para trás alguma coisa que não tenha visto?

Uma noite, após assistir um filme, é por volta de meia noite e vou dormir. Ato contínuo, me levanto do sofá e me dirijo ao quarto, no que sou seguido pelo meu “fiel escudeiro – o meu gato Zéca”.

Só que, ... estranho, na porta do quarto ele para, fica todo arrepiado, sua cauda, eriçada, aponta para o teto, ... ele está todo em estado de alerta, ... será algum camundongo dentro de casa?

A forma que ele sempre usou para me fazer ficar parado, é o de colocar sua pata traseira por sobre um de meus pés, o que ele faz antes de eu entrar no quarto. Atitude estranha, ... e ainda mais arrepiado.

Pego-o e o aconchego ao meu peito, o abraçando e falando com ele, jeito que sempre o acalma.

Para surpresa minha, no quarto, em meia-luz, devido a claridade vinda de luz acesa no ante-quarto, ... vejo sentada, ... simplesmente Isabele, que me sorri.

Meu gato pula de minhas mãos e desaparece corredor afora.

Fico ali, mudo, surpreso, meio até que não acreditando, pois nunca esperei que o contrário acontecesse, ou seja: ter a visão de Isabele como uma “viajante astral”.

Estaria eu sonhando acordado?

Ela me sorri mais ainda, e num átimo de segundo, não mais lá está. Restou apenas o seu perfume floral no ar de meu quarto.

Só me restaram mais indagações.

Quinta viagem.

Deitado sobre a cama, no quarto onde ali estivera Isabele, e banhado no seu perfume que ficou impregnado no ar, adormeci.

Novamente sinto claridade nos olhos, mesmo que fechados.

Penso em não os abrir enquanto não ouvir a voz de Isabele.

Ouçó somente uma multidão de vozes estranhas, e nenhuma delas é a de Isabele.

Abro os olhos e percebo estar de novo na praça defronte a igreja de Saintes Maries de la Mer.

Vejo que está saindo outra procissão, iniciando pelas pessoas que saem da igreja.

Parece ser uma repetição da procissão anterior.

Não, não é igual. São dois andores, e em cada um há uma imagem diferente da outra e nenhuma delas é a de Santa Sara.

Espere, ... as imagens são brancas.

Prestando atenção nos hinos, estes falam em louvor de Santa Maria Jacobina e Santa Maria Salomé.

Há algo estranho nessa procissão, diferente da outra procissão.

Há bem poucos ciganos, e sim mais gente gadjê.

Vejo também que não tem a mesma beleza e força até que pagã da procissão anterior.

São muitos os padres, coroinhas e ajudantes tradicionais com vestimentas representativas católicas.

Também na procissão, predomina um cortejo de velas nas mãos de carolas.

Pela posição do sol e pela brisa ainda fresca, é de manhã, talvez por volta de 10 horas.

Tudo indica que essa procissão é eminentemente católica.

A procissão faz o mesmo percurso que a anterior, com as imagens indo até o mar, e voltando, mas, sem os rituais, aquela emoção e instante mágico da anterior.

De volta a praça, preocupações me assaltam: -

Onde está Isabele?

Porque não veio?

Se fechar os olhos, vou até ela?

De olhos fechados, sinto o seu perfume, perfume esse que me marcou, pois jamais esquecerei essa fragrância. Uma onda de alegria me invade.

Abro os olhos para vê-la, e ... decepção, ... estou de volta à minha cama.

Me movimento para ficar sentado na cama, quando novo susto: na penumbra do quarto vejo dois olhos azuis brilhantes me fitando, e em altura de aproximadamente um metro e meio do solo.

Pulo da cama em direção ao interruptor de luz, ... e ao acender, ... vejo o meu gato Zéca que é um siamês de olhos azuis, sentado sobre as patas traseiras em cima da cômoda, sendo que os raios de luz da lua ou da lâmpada do corredor entrando por vãos de entrada de ar da janela incidiram sobre os seus olhos, criando esse efeito fantasmagórico.

Assim não dá!

Acho que vou morrer de susto antes de terminar esse trabalho.

Mas eu juro que se isso acontecer, prometo que durante, no mínimo sete anos, eu vou, todas as noites, “puxar os pés” das pessoas que me pediram esse trabalho sobre Santa Sara.

Reinaldo e Claudete, ... cuidado com as visitas noturnas de um zangado fantasma!

Conclusão.

Como durante mais duas semanas nada mais aconteceu de significativo para o trabalho, e nada que me elucidasse outras questões, movido pela importância primeira: “informações sobre Santa Sara”, resolvi manter contato com um dos Mentores, para que este me ajudasse no encerramento por escrito do presente trabalho.

Foi-me ditado espiritograficamente o que segue: -

Na tarde de 25 de Maio, último dia das festividades pagãs em homenagem à Santa Sara, todos os ciganos cumprem o seu prometido para com a igreja católica em retribuição à liberdade de culto, proteção e acolhida que a igreja proporciona aos ciganos, pagando à ela, em dinheiro e ofertas em valores que cobrem os custos da “guarda e da festa” para a Santa Sara.

(Veja que aí se atende o “dar para receber”).

Também, como parte do acordo com as autoridades eclesiásticas, todos os líderes ciganos, e os comitês representativos das classes ciganas, se reúnem no interior da igreja Saintes Maries de la Mer, e diante do altar-mor:

- fazem discursos emocionados de agradecimentos à igreja que cuida da Santa Sara,
- cantam as aves-marias, e outras músicas litúrgicas católicas traduzidas para as diversas línguas ciganas,
- prestam depoimentos onde atestam a sua fé,
- e descrevem os benefícios advindos da aproximação dos ciganos com o catolicismo.

Nessa última noite, todos se confraternizam dividindo suas comidas e bebidas, bem como se unem mais por suas conversas.

No dia seguinte – 26 de Maio, todas as caravanas vão embora, e levam com elas os véus dos mistérios ciganos, que durante uma semana cobriu Saintes Maries de la Mer.

A pequena cidade volta ao seu ritmo normal, sendo novamente um balneário marítimo, pronto para acolher os milhares de turistas, em sua maioria alemães, que a elegeram como um dos lugares preferidos para as férias de verão.

As festividades terminaram.

Os ciganos voltam para os seus afazeres.

A cidade de Saintes Maries de la Mer, volta ao seu ritmo normal.

(Final da narrativa. Espero que a leitura tenha sido proveitosa.)

Observação:

O Dirigente do Templo de Umbanda Oxaláça, bem como toda a sua Diretoria, agradecem a todos que participaram do ritual cigano, que fizeram uma apresentação ao público da imagem de Santa Sara, e executaram danças típicas ciganas.